



## TEMPO PRESENTE E TRAUMAS COLETIVOS: UM ESTUDO SOBRE OS ATENTADOS CONTRA A AMIA (1994) E CONTRA AS TORRES GÊMEAS (2001)

**Paulo Roberto Alves Teles**

Doutorando em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Integra o Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq)  
Atualmente desenvolve pesquisa sobre Extremismo e atentados terroristas islâmicos praticados no continente americano

E-mail: [pauloteles\\_aju@hotmail.com](mailto:pauloteles_aju@hotmail.com)

ST 8 – Guerras, Extremismos, Terrorismo: questões para a atualidade

Buenos Aires, 18 de julho de 1994. 09h53. A Argentina é surpreendida com mais um ataque contra a sua comunidade judaica (dois anos antes, a Embaixada Israelense também havia sofrido um atentado), a maior da América Latina. Dessa vez, o atentado ocorrera contra a Associação Mútua Israelita Argentina (AMIA) e fora responsável pela morte de 85 pessoas, além de ter sido responsável por centenas de feridos. O presente artigo é fruto de investigações iniciais sobre o tema e tem como objetivo analisar o processo de formação do fundamentalismo islâmico contemporâneo e o atentado contra a AMIA.

Maior ataque terrorista ocorrido na América do Sul, sua investigação tem sido marcada por uma série de polêmicas que vão desde a suspeita de encobrimentos promovidos por autoridades policiais, juízes e até mesmo o governo Kirchner à morte do Promotor Alberto Nisman encarregado da denúncia contra o governo. Movida por grandes pressões sociais, das quais o ex-cardeal Jorge Mario Bergoglio e atual Papa Francisco I destacou-se com o manifesto “85 vítimas, 85 assinaturas”, a investigação deixou em aberto inúmeras perguntas e principalmente suspeitas.

A Argentina que, além de ser sede da maior comunidade judaica da América Latina, também abriga a maior comunidade islâmica da região, destaca-se aqui a construção da Mesquita do Rei Fahd (maior mesquita do território latino-americano),



financiada pela Arábia Saudita em parceria com o ex-presidente Carlos Menem e inaugurada no ano 2000.

O país reúne dois povos historicamente conflituosos e que tem apresentado um aumento das suas tensões em virtude dos conflitos árabe-israelenses. É também importante mencionar que a Argentina é palco de inúmeras manifestações antisemitas e que abrigou inúmeros fugitivos nazistas a partir dos momentos finais da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com destaque para Adolf Eichmann, capturado em 1960 pelo Mossad e levado a julgamento em Israel.

Além disso, os anos 1990 foram marcados na Argentina por uma escalada de ataques contra a comunidade judaica, a saber, o atentado contra a Embaixada Israelense em Buenos Aires (1992); Atentado contra a Amia (1994); Agressão promovida por neonazistas contra o jovem Claudio Salgueiro (1995); Profanação de túmulos judaicos em Tablada e Ciudadela (1997-1998)<sup>1</sup>, o que evidencia o sentimento antisemita apresentado acima. No entanto, antes de nos debruçarmos sobre o caso, é preciso apresentar qual conceito de terrorismo que esse trabalho irá se norteado e o contexto histórico no qual está imerso o atentado.

Nova York, 11 de setembro de 2001. 08h48. É iniciado o ataque contra as Torres Gêmeas e com ele uma nova era para a comunidade internacional, caracterizada por novas práticas de Terrorismo, denominada *Terror Global*, isto é, atentados contra civis e alvos políticos não se concentrariam mais nos teatros de guerra. A Al Qaeda e o seu principal líder, Osama Bin Laden, destruíram com os seus ataques a frágil barreira que continha a maré escura de sangue e a partir disso, transbordaram ao mundo ocidental, o medo.

A disseminação do Terrorismo pelo mundo, a partir do 11 de setembro provocou uma reorganização das ações externas americanas, a *Guerra ao Terror* como ficou conhecida a série de ações militares estadunidenses que culminaram em novos conflitos e novos fracassos, todos eles resultaram em mais sangue e mais violência.

---

<sup>1</sup> Sobre esses casos, ver MAYNARD, Dilton Cândido Santos. SILVA, Gabriela Rezendes da. 2017;



Acreditamos que, diante emergência do assunto, torna-se fundamental compreender os atos terroristas praticados em nosso continente a fim de promover uma discussão que permita inserir o continente americano, sobretudo, a região da América do Sul nos debates sobre a atuação de grupos extremistas islâmicos nesse território. Para isso, esta pesquisa tem como objetivo realizar um estudo comparativo sobre o Terrorismo no continente americano a partir dos relatórios oficiais sobre os atentados promovidos contra a Argentina (AMIA – 1994) e os Estados Unidos (World Trade Center e Pentágono – 2001).

Os documentos foram publicados por organismos oficiais e independentes. No caso dos EUA, foi criada uma comissão denominada Comissão Nacional sobre os Ataques Terroristas nos Estados Unidos, também conhecida como Comissão 11/9 ou Comissão do 11 de Setembro em 27 de novembro de 2002

A Comissão 11/09 tinha como objetivos: 1) produzir um relatório completo sobre as circunstâncias que envolveram os ataques de 11 de setembro de 2001; 2) sugerir uma preparação capaz de possibilitar uma resposta imediata aos ataques e por fim, 3) Elaborar protocolos e recomendações cujo objetivo era evitar ataques futuros. Liderada pelo ex-governador de Nova Jersey, Thomas Kean, a comissão foi composta por cinco democratas e cinco republicanos e apontou que as falhas cometidas pela Agência Central de Inteligência (CIA) e o Federal Bureau of Investigation (FBI) foram responsáveis pelo sucesso dos ataques perpetrados pela Al Qaeda. A comissão foi encerrada em 21 de agosto de 2004 após publicação de um relatório final.

Em virtude do que fora posto, pretendemos ao longo dessa pesquisa, discutir alguns pontos: 1) Ambos os atentados foram promovidos por grupos vinculados ao extremismo islâmico; 2) Ambos foram ataques coordenados contra símbolos de grupos considerados *inimigos do Islã*; 3) Ambos são considerados ataques de projeção internacional e por fim, 4) Ambos os casos são suspeitos de leniência ou políticas equivocadas de segurança pelos governos argentino e estadunidense respectivamente.

## **2. Um passado que não passa: Os traumas coletivos e os desafios para a História do Tempo Presente**



Produzir história do tempo presente é estar disposto a compreender a *relação social com o tempo*. Assim, caberá ao historiador que se dispor a isso, buscar e compreender os vestígios do passado que ainda se manifestam vivos no tempo presente. Somado a isso, é preciso ajustar uma metodologia adequada que permita abordar a multiplicidade de fontes, principalmente quando tratamos sobre o universo de possibilidades trazidas pelo século XXI.

Compreender o tempo presente nessa seara de transformações está relacionado à compreensão do lugar da memória na sociedade, e ainda, refere-se a permanência da mesma, ainda que em momentos históricos diferentes. Ou seja, é possível encontrar práticas e elementos de memória coletiva de um dado evento do passado ainda presente na sociedade atual, mesmo que a sociedade vivente nesse tempo, não tenha testemunhado ou vivenciado o momento histórico, ainda assim, a memória persiste.

Não obstante, a história social da memória coletiva pode ser evidenciada através dos trabalhos da história do tempo presente como uma possibilidade de historiografia compartilhada capaz romper não só a história dos vencedores, mas os recalques estabelecidos pelos grandes traumas. Portanto, entendemos que o Presente é tudo aquilo que se mantém, aquilo que mesmo ocorrido em outro momento, continua a ser vivenciado pelo indivíduo imerso em sua sociedade. Para Henry Rousso “*a própria definição da história do tempo presente é ser a história de um passado que não está morto, de um passado que ainda se serve da palavra e da experiência de indivíduos vivos*” (1998: p. 63. apud. Dosse, 2012: p. 16).

Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior (2012), os eventos históricos seriam, em certa medida, intencionalmente *esquecidos*, não discutidos e, exatamente por isso, além de não serem encerrados, perpetuam-se no presente

(...) O trauma pode convocar ao esquecimento, convocar à obliteração da expressão, ele pode provocar a incapacidade de dizer, de fazer ver, de representar, ele pode gerar o bloqueio da capacidade inventiva, poética, criativa dos indivíduos e das coletividades (...) (ALBURQUERQUE JR: 2012. p. 56).



Assim sendo, a história do tempo presente entende que a construção do passado ou produção da memória deve ser realizada a partir de uma confluência de informações e, sobretudo, de uma metodologia capaz de compreender o “tempo” histórico no qual ela foi produzida e no qual ela será divulgada.

Abordar determinados eventos consiste em compreendê-los como evidências visíveis de um problema ainda maior que, por vezes, pode estar imerso em elementos do passado e permanece por assim dizer, no inconsciente e no subterrâneo das memórias coletivas de uma sociedade. Desse modo, compreender a série de agressões cometidas contra a comunidade judaica argentina ao longo dos anos 1990 como simples atos de violência ou como atos indiscriminados de terrorismo seria incorrer no equívoco do esquecimento, de que na sociedade portenha existe um processo histórico de antisemitismo que pode estar atrelado, ainda que de maneira inconsciente, a esses eventos.

Reconstituir para compreender. Essa é uma máxima bastante interessante na produção de trabalhos na história do tempo presente. Para isso, uma alternativa possível seria o estreitamento do diálogo possível entre a história e o jornalismo. Editoriais, artigos, reportagens e matérias de veículos das media podem nos fornecer informações extremamente valiosas sobre o vestígios que pretendemos extrair do inconsciente social.

Todavia, esses efeitos não se resumiriam em si, assim sendo, produziriam elementos no inconsciente coletivo, no subterrâneo social, a memória é o invisível aos nossos olhos, mas se manifesta através das práticas sociais, que podem ser também geradoras de novas memórias e através delas nascerem novas práticas a partir de momentos oportunos que viabilizassem essas transformações.

*“(...) todas essas variantes poderiam ser apenas, ampliadas em projeções simbólicas e narrativas, as sombras da prática cotidiana que consiste em aproveitar a ocasião de fazer da memória o meio de transformar os lugares (...)” (CERTEAU: 2008.p.162).* Portanto, a consolidação e até mesmo cristalização de uma memória se dá por uma conjuntura específica e oportuna, assim como o surgimento de novas memórias.



Tais práticas, principalmente quando relacionadas a intolerância, muitas vezes podem indicar uma certa permissividade, ou até mesmo uma autorização social para determinados atos, a saber, as agressões cometidas contra os judeus ao longo dos anos 1990 na Argentina.

Por isso, é preciso compreender que a memória é o fio condutor, é a partir dela que são lançadas as perguntas necessárias que estão vivas no presente, que direcionam qual olhar possuímos sobre o passado e quais expectativas construiremos para o futuro. Cada olhar, cada memória é particular para cada povo ou sociedade, *os regimes de historicidade*, isto é, a forma como a sociedade se percebe no tempo, assim como estabeleceu Hartog (2015) trazem consigo brechas do tempo, as quais são definidas de maneira particular por cada povo em meio ao seu universo próprio e definem assim objetos de estudo para o tempo presente.

Portanto, cabe ao historiador profissional compreender os testemunhos, os vestígios, os monumentos, como Nora (1984) estabeleceu, os *lugares da memória* nos quais a sociedade depositou suas lembranças. Relembrar para não esquecer, comparar para compreender. Os regimes de historicidade são, antes de tudo, instrumentos passíveis de comparação. Dessa forma, seja o atentado contra a AMIA (1994) ou contra as Torres Gêmeas (2001), ainda que dispersos em tempo e espaço, há algo que os une, a memória produzida sobre esses eventos mediante não somente pela produção de relatórios oficiais, mas também pela própria memória social coletiva.

Sendo elemento de questionamento, a memória estabelece como centro para o estudo do presente. Por que nos lembramos de algo da forma que lembramos no momento em que estamos? Os mortos falam. E através das suas vozes são erigidos patrimônios e eventos “comemorativos” (momentos de lembrança do que se passou e que a dor não pode apagar) utilizados como instrumentos do presentismo, isto é, a perpetuação da memória no presente histórico. “*O presente encontram-se de certo modo investido de todo o futuro*” (HARTOG: 2015. p. 253) para que jamais se repita, para que nunca mais aconteça outra vez.

Assim sendo, é interessante considerar que, o documento visto como uma testemunha, tratado de maneira isolada, pouco nos tem a revelar. No entanto, quando



mergulhado em um contexto específico, é possível extrair dele valiosas informações. Sabemos que a Argentina possui um histórico de antissemitismo, ao passo que os Estados Unidos possuem uma política externa que é vista como ameaça pelos grupos fundamentalistas islâmicos, como países aparentemente tão divergentes podem se aproximar? Ambos, muito embora tenham razões mais específicas, foram alvos de atentados terroristas promovidos por esses grupos, além disso, ambos os países produziram relatórios oficiais que podem nos revelar informações valiosas que nos ajude a compreender melhor esses acontecimentos.

As comparações servem para que seja possível perceber as intersecções entre as diferentes sociedades, suas influências mútuas e como determinados processos as afetaram. É importante salientar que, as comparações jamais podem ser promovidas sem levar em consideração os aspectos essencialmente locais de ambas as sociedades selecionadas. Elementos políticos, universos culturais específicos, são também elementos que não podem ser ignorados, uma vez que, compreender os eventos a serem comparados é se dedicar a compreender os elementos mais íntimos e internos das sociedades selecionadas para a pesquisa. Desse modo, utilizar o método comparativo pode ser uma excelente opção metodológica para os estudos do tempo presente. Nas palavras de Schurster “(...) *Toda história do tempo presente é uma história comparada* (...)” (2013. p. 16). Ainda assim, esse método apresenta obstáculos a serem superados.

### **3. Em nome de Deus: O processo de formação do ativismo fundamentalista islâmico**

Filho de Muhamed Bin Laden, Osama herdou do seu pai não apenas uma enorme fortuna proveniente da louvável capacidade empreendedora paterna, mas principalmente um prestígio local que o alavancou como membro de uma das famílias mais importantes da Arábia Saudita. Contudo, não foi a herança familiar que deu a Osama Bin Laden uma projeção perante a comunidade islâmica, mas sim, a sua atuação na luta contra os soviéticos no Afeganistão.

Dotado de uma brilhante visão estratégica, Bin Laden soube utilizar os seus contatos e o prestígio familiar para canalizar recursos em prol da luta afegã, inclui-se



aqui a sua relação conveniente com a CIA, ainda que a narrativa que o trate como mero fantoche da mesma seja equivocada.

Bin Laden entendia que a luta contra os soviéticos era apenas a preparação para algo muito maior: a construção de uma organização sociopolítica islâmica global. Para isso, alguns passos eram necessários: restauração das tradições islâmicas; deposição dos governos árabes considerados apóstatas e expulsão dos cruzados e sionistas. Nesse sentido, Osama deu a jihad a possibilidade de combater um inimigo em escala global por quaisquer meios que lhes fossem possíveis, pois somente assim seria quebrada a hegemonia do mundo ocidental sobre a civilização islâmica. Estavam assim sedimentadas, as bases que formulariam a Al Qaeda.

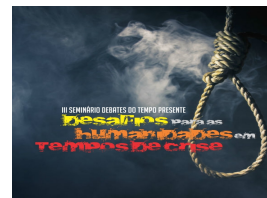
Portanto, a vitória contra os soviéticos deu a Bin Laden a confiança definitiva de que vencer os adversários do Islã era possível e inevitável. Para isso, era preciso ir além e combater o inimigo longínquo, visto por Osama, como os EUA. Na visão dele, a restauração da *Umma* dependia do combate aos estadunidenses pois equivaleria a derrubada dos alicerces que sustentavam os obstáculos impostos ao seu projeto.

Dessa maneira, a Al Qaeda se colocaria como uma força internacional e armada para defender os interesses da *Civilização Islâmica*, por isso, a expansão e a dinamização das ações da Al Qaeda eram necessárias e urgentes. Destaca-se aqui a atuação no chifre da África, que além de garantir a desestabilização dos regimes pró-ocidente ainda serviram para angaria recursos financeiros e humanos para a organização de Bin Laden.

Desse modo, a Al Qaeda é responsável por uma mudança radical nas estratégias de luta promovidas por grupos extremistas islâmicos, que a partir dela, passam a considerar que era necessário levar a guerra aos ocidentais, através de ataques terroristas em suas principais cidades, nas palavras de Silva (2010) essa prática corresponde ao advento das *Guerras Assimétricas* caracterizadas por combates suicidas, indiferença de objetivos, fronts indistintos, massificação da guerra, alvos civis, etc et al.

A Al Qaeda teria como propósito criar uma guerra em escala global entre muçulmanos e os EUA. Para isso, Bin Laden recorria a inúmeras estratégias como por exemplo, o resgate a memória de vitórias ocorridas no passado ou de figuras unânimes





no mundo islâmico como Saladino. No entanto, a *joia da coroa* estaria nos atentados promovidos no 11 de setembro, Bin Laden pretendia demonstrar através desses atos que era possível não só agredir o inimigo longínquo como também fazê-lo sangrar perante o ímpeto agressivo da Al Qaeda.

#### **4. Ao Sul da Fronteira: O atentado contra a Associação Mútua Israelita Argentina**

Fundada em 1894 sob o nome de Jevrá Kedushá<sup>2</sup>, a Associação Mútua Israelita Argentina fora criada com o propósito de proporcionar condições para a preservação das tradições judaicas, destaca-se aqui, a criação de um Cemitério judaico com o intuito de legitimar a presença judaica na composição social argentina.

A Argentina é caracterizada pela enorme presença de povos semitas em seu território, abrigando simultaneamente as maiores comunidades judaica e árabes da América Latina. No entanto, foram frequentes casos de perseguição a esses povos, especialmente os judeus, em virtude de um forte sentimento antissemita histórico no país. Somado a isso, no século XX, governos argentinos apresentaram uma relativa proximidade aos governos fascistas, especialmente o Nazismo. Não foram estranhas a participação de indivíduos e organizações declaradamente nazistas no governo argentino no período conhecido como *Década infame* (1930-1943)<sup>3</sup>, como por exemplo, o *GOU* (Grupo de Oficiais Unidos) criado em 1943 com forte caráter nacionalista e anticomunista.

Pois bem, em 17 de março de 1992, a embaixada Israelense situada em Buenos Aires sofreu um atentado responsável pela morte de 29 pessoas. Reivindicado pelo grupo terrorista libanês Hezbollah, o ataque fora uma resposta do extremismo de caráter islâmico a fracassada tentativa de acordo de paz ocorrida na Conferência de Madri (1991). No entanto, levanta-se o questionamento: Por que Buenos Aires?

Carlos Escudé e Beatriz Gurevich (2003) buscam em seu texto estabelecer uma relação entre o enfraquecimento do Estado Argentino, corrupção endêmica e

<sup>2</sup> Para mais informações ver <<http://www.amia.org.ar/index.php/content/default/show/content/13>> Acesso 17 out 2017;

<sup>3</sup> Período político argentino iniciado pelo golpe civil-militar contra o presidente Hipólito Yrigoyen caracterizado pelo autoritarismo e forte repressão às camadas populares.

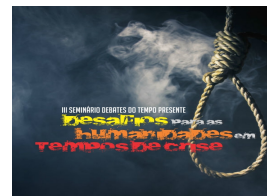


institucional como razões potencializadoras para a realização de atentados terroristas contra a Argentina. Uma vez que, enfraquecido e mergulhado em casos de corrupção, o governo argentino não conseguiria estabelecer mecanismos necessários para o combate ao extremismo e portanto, tornam-se ambientes férteis para a proliferação desse tipo de prática. Contudo, as explicações não se encerram aqui.

Os autores argumentam que o ex-presidente Carlos Menem (1989-1999), descendente de imigrantes sírios, teria obtido financiamento do governo de Hafez al-Assad (presidente Ditador da Síria) em sua campanha presidencial. A partir disso, relações diplomáticas entre a Argentina, Síria e Líbia teriam se intensificado, sobretudo, em virtude dos interesses argentinos no projeto de mísseis balísticos Condor II e no desenvolvimento de tecnologia nuclear. Essa parceria geopolítica teria sido possibilitada em virtude da retirada do Iraque de acordos com a Argentina devido à Guerra do Golfo (1990-1991).

Apesar da proximidade entre esses países árabes e a Argentina, o projeto Condor II fracassou, assim como, o projeto de desenvolvimento nuclear entre Argentina e Síria. Uma das razões que poderiam explicar o fracasso, está relacionada às pressões estadunidenses e a implantação da sua hegemonia político-militar no Oriente Médio. Vitoriosos após a Guerra do Golfo (1990-1991), os EUA buscaram isolar países árabes contrários a sua política externa, além de pressionar a Argentina para aderir ao Tratado de Não-proliferação Nuclear realizado o encerramento do conflito no Iraque.

Desse modo, devido a adesão da Argentina ao acordo, as relações entre este país e a Síria se deterioraram, o que motivou o governo sírio retirar a Argentina da lista de países proibidos de ação do Hezbollah, organização terrorista libanesa pró-iraniana e sob proteção militar síria. O estopim da crise entre esses países se deu com a morte de Abbas El Mousawi, secretário geral do Hezbollah, por forças militares americanas. A morte dele pode ser considerado o estopim decisivo para o ataque contra a embaixada israelense em Buenos Aires, o qual teria sido foi co-patrocinado pelo Irã e Síria e executado pelo Hezbollah, com o apoio logístico de mercenários locais de direita e anti-judeus suspeitos de possuírem ligações com as forças de segurança do Estado argentino. Mas esta é apenas uma parte da história, e muito possivelmente, teria sido apenas um



ensaio para algo ainda mais bárbaro e violento: o ataque contra a AMIA (Associação Mútua Israelita Argentina) em 1994.

Obviamente que não podemos e nem pretendemos afirmar aqui que, os atentados ocorridos em 1992 e 1994 considerados como desejáveis pelo governo. Este, diante dos fatos, buscou promover encobrimentos desses crimes para evitar a revelação de situações criminosas muito maiores.

A partir de 1996, apesar das pressões iniciais, a AMIA e a DAIA (Delegação de Associações Israelitas Argentinas) adotaram uma postura moderada no que se refere a suas exigências perante o governo argentino. Contudo, o grupo *Memoria Activa*, manteve uma postura ríspida e ainda mais radical, denunciando por vezes situações suspeitas e até mesmo corruptas de autoridades envolvidas na investigação. Uma delas aponta que a moderação da DAIA e de seu presidente, Rubén E. Beraja, em relação ao governo Menem estaria relacionada a favorecimentos que o Banco Central Argentino teria proporcionado para o Banco Mayo, pertencente a Beraja. O caso AMIA continua em aberto e repleto de questionamentos.

### 3. Considerações finais

O capítulo é fruto de investigações iniciais sobre o atentado promovido contra a Associação Mútua Israelita Argentina e as Torres Gêmeas. Para isso, buscamos estabelecer uma construção, ainda que superficial do pensamento fundamentalista islâmico contemporâneo como uma ideologia de ativismo político que tem se ramificado pelo mundo nos últimos anos, especialmente após a Revolução Islâmica Iraniana (1979).

Acreditamos que os atentados contra a AMIA e contra os Estados Unidos são apenas a ponta de um enorme iceberg a ser desvendado e para isso, lançamos aqui perguntas ainda não respondidas ou mal compreendidas, que imersas em inúmeras dúvidas e suspeitas apresentam problemas a serem discutidos no futuro: 1) a relação entre o atentado e o antissemitismo argentino; 2) o papel do Irã e os seus objetivos caso seja comprovado o seu envolvimento; 3) a possibilidade de envolvimento da ex-presidente Cristina Kirchner; 4) o papel das mesquitas na propagação dessa ideologia



política; 5) os impactos das ações geopolíticas estadunidenses no Oriente Médio para a América Latina. Enfim, ainda há inúmeros vazios e possibilidades a serem investigadas e discutidas.

### Referências

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008;

ESCUDE, Carlos. GUREVICH, Beatriz. Limits to Governability, Corruption and Transnational Terrorism: The Case of the 1992 and 1994 Attacks in Buenos Aires. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**. Tel Aviv, n. 2, vol. 14, 2003; Disponível em < <http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/922/958>> Acesso 19 set 2017;

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo**. ed Autentica. Belo Horizonte: 2015;

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. SILVA, Gabriela Rezendes da. **A Extrema Direita Argentina em ação: Intolerância, Violência e Antissemitismo (1995-2002)**. in: MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Extremismo no tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017;

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2016;

SCHURSTER, Karl. **A História do Tempo Presente e a História Comparada: caminhos e desafios**. in: ALVES, Gracilda. LAPSKY, Igor. SCHURSTER, Karl (orgs.). **História Comparada: debates teórico e metodológicos**. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2014;

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010;

\_\_\_\_\_. **Terrorismo e guerra na era da assimetria global**. in: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010.